

PELA TERRA ALHEIA: LA HISPANIDAD EN EL PERIODISMO LITERÁRIO DE RAMALHO ORTIGÃO

Pela terra alheia: The hispanidad in the literary journalism of Ramalho de Ortigão

Vanda Cristina Rosa

CAPP - ISCSP (Universidade de Lisboa)
(Portugal)

Ramalho Ortigão foi um jornalista literário português na viragem do século XX que, além de se preocupar com o estado do seu país em todas as vertentes (educacionais, culturais, políticas, sociais), viajou também por vários países dos continentes europeu e americano. Na sua obra em dois volumes, *Pela terra alheia*, parte de Portugal para a Europa e a sua primeira paragem no estrangeiro acontece em terras espanholas, às quais dedica um volume inteiro. Atento às cores, aos cheiros, sons e tradições, Ramalho descreve-nos uma realidade diferente da portuguesa, não deixando de transmitir as suas sensações perante esta alteridade e de fazer críticas quando as considera pertinentes. Do outro lado do oceano, a Argentina merece algumas páginas deste escritor/viajante. Num artigo curto, escreve sobre o que lhe desperta a atenção na capital, Buenos Aires, e na pampa argentina. Veremos, assim, de que forma Ramalho Ortigão percebe as realidades de dois países hispânicos nos dois lados do Oceano Atlântico.

Palavras-chave

Jornalismo literário, Ramalho Ortigão, Espanha, Argentina, alteridade

Ramalho Ortigão was a Portuguese literary journalist at the turn of the twentieth century who, besides being concerned about the state of his country in every aspect (educational, cultural, political, social), also travelled in several countries of the European and American continents. In his two-volume book, *Pela terra alheia (In foreign land)*, he leaves Portugal and heads to Europe and his first stop is in Spain, to which he dedicates one volume. Paying attention to the colours, scents, sounds and traditions, Ramalho describes us a reality that is different from the Portuguese one, also transmitting his feelings provoked by this alterity and criticizing it whenever he considers it necessary. On the other side of the ocean, Argentina deserves some pages of this writer/traveller. In a short article, he writes some aspects of the capital, Buenos Aires, and of the Argentinian pampa. Through his perception, it is possible to see the way Ramalho Ortigão looks at the realities of two Hispanic countries on both sides of the Atlantic Ocean.

Keywords

Literary journalism, Ramalho Ortigão, Spain, Argentina, alterity

Ramalho Ortigão, jornalista literário português do final do século XIX, colaborou em diversos jornais nacionais e na *Gazeta de Notícias*, periódico brasileiro do Rio de Janeiro. Amante de viagens, tanto em Portugal como no estrangeiro, deixou-nos várias páginas revelando as suas impressões de lugares por onde passou e das pessoas com quem se cruzou. É o caso de *Em Paris* (1868), *A Holanda* (1883) e *John Bull* (1887) ou *As praias de Portugal* (1876) e *Banhos de caldas e águas minerais* (1875). Este gosto é justificado pelo próprio autor no texto intitulado «Sobre as ondas do mar», de 1867, e que prefacia a obra *Pela terra alheia*, contendo textos publicados entre 1878 e 1910 na *Gazeta de Notícias*: «a cidade então é pequena e o passeio é pouco. Quer-se a viagem, a liberdade, a largueza da terra, a vastidão do mar e a amplidão do céu – o mundo!» (Ortigão, 1949a, p. 9). Na sua opinião, viajar é importante devido ao regresso, pelo «prazer de chegar» (Ortigão, 1949a, p. 9). Mas igualmente porque se aprende e volta-se melhor do que se foi, pois além de haver uma deslocação geográfica e temporal, existe igualmente «uma deslocação na ordem social e cultural» (Machado & Pageaux, 1981, p. 31). E é precisamente o Outro que será descrito por Ramalho Ortigão, para além das paisagens que observa nos países que percorre. Ao observarmos o contacto com o Outro, veremos se há diferença (que permite a assimilação ou conversão). Tal acontece quando há um ponto comum entre as duas culturas. O «alter», algo semelhante ao que estamos habituados a ver, permite fazer comparações e um entrosamento das culturas. Porém, no encontro com o Outro podemos encontrar alteridade, que anula a possibilidade de assimilação. É o «alius», «l'étranger qui est à lui-même sa propre identité et sa propre altérité» (Brunel, 1997, p. 556). Veremos se Ramalho encontrou o «alter» ou o «alius» e como se descobre a si próprio, na busca da sua identidade, uma vez que ao viajar, procura o seu íntimo (Rosa, 2009, p. 36).

A obra *Pela terra alheia* é composta por dois volumes, sendo o primeiro apenas dedicado a Espanha («Em Espanha») e o segundo contém textos sobre a Argentina, França, Alemanha e Itália. Os seus escritos relativos ao país vizinho resultam de uma viagem por ele realizada em 1881, por ocasião da celebração do centenário de Pedro Calderón de la Barca (1600-1681), dramaturgo e poeta espanhol, um dos principais nomes do teatro em Espanha, e de outras duas viagens realizadas em 1892.

Ramalho Ortigão foi um dos organizadores das celebrações do tricentenário da morte de Camões em 1880, sendo, portanto, natural a comparação entre estas duas festividades que homenagearam os melhores de ambas as nações. Começa o autor por elucidar os seus leitores sobre a figura em

questão e a época em que viveu. Considerando que «Calderón é na literatura o legítimo representante do século XVII em Espanha» (Ortigão, 1949a, p. 29), não deixa de observar ao mesmo tempo que «o século de Calderón foi o mais triste, o mais lúgubre, o mais vergonhoso, da decadência espanhola» (Ortigão, 1949a, p. 29). Aponta como uma das razões para essa situação a monarquia de Fernando e Isabel (1479-1516), que permitiram o absolutismo e a Inquisição: «as conquistas tinham tornado o espanhol traficante; o despotismo fê-lo subserviente e covarde; a inquisição bestificou-o» (Ortigão, 1949a, p. 29). São palavras semelhantes às de Antero de Quental na sua conferência intitulada «Causas da decadência dos povos peninsulares» (27 de maio de 1871), onde apresentava a Península Ibérica dos séculos XVII, XVIII e XIX num «quadro de abatimento e insignificância» (Reis, 1990, p. 97), de decadência a todos os níveis – política, indústria e costumes. Antero apresenta três causas para esta decadência peninsular: o Concílio de Trento e o catolicismo, que atrofiaram o espírito crítico através dos dogmas e da Inquisição, o absolutismo, que privou o povo da liberdade, dando todo o poder à nobreza, e as conquistas longínquas (Reis, 1990, p. 106).

«Em Espanha»

Tendo as mesmas ideias que Antero de Quental sobre a decadência, Ramalho Ortigão aponta igualmente várias situações que aconteceram no reinado de Filipe IV como sendo propiciadoras da decadência do século de Calderón: «a perda da Holanda, a perda de Portugal, a perda das colónias de África e a insurreição da Catalunha» (Ortigão, 1949a, p. 29). A par da decadência política, Ramalho acusa ainda a decadência dos valores morais e o papel negativo dos jesuítas, que «envenenam o que ainda poderia existir de puro na alma da nação» (Ortigão, 1949a, p. 30) ao ter o monopólio da educação pública com o «regime cretinizador da retórica e da gramática» (Ortigão, 1949a, p. 30). Com estas palavras, Ramalho atinge a consonância total com Antero ao denunciar como causa da decadência a religião. No entanto, e apesar de considerar que Calderón deve ser celebrado por ser o portador «de puro espanholismo» (Ortigão, 1949a, p. 30), Ortigão não deixa de o criticar ao afirmar que «era profundamente ignorante em todos os pontos de saber alheios às artes de gramática e de eloquência. A sua obra está cheia de erros vergonhosos para um espírito culto» (Ortigão, 1949a, pp. 31-32). Além disso, e embora Calderón seja um vulto das letras em Espanha, nota que a população em geral não conhece o autor espanhol nem a importância que o mesmo teve «sobre o espírito ou sobre a glória de Espanha» (Ortigão, 1949a,

p. 46). Porém, todos conhecem Cervantes. Para que se evitasse uma situação semelhante em Portugal, Ramalho considera ter sido útil a realização de conferências públicas antes dos festejos do tricentenário de Camões para melhor dar a conhecer o poeta luso. Indiretamente sugere que esta atitude devia ter sido tomada em Espanha por ocasião desta efeméride.

Mas há mais aspetos negativos, na visão de Ramalho, destas celebrações: fora anunciado o Congresso Internacional dos Abolicionistas no Teatro Real, em Madrid, que não se realizou; à noite, a 25 de maio, as iluminações tinham um ar barato e eram pouco apelativas. O autor menciona em particular a representação do «Monte Helicon», «grande massa de cartão pintado» (Ortigão, 1949a, p. 71) com a estátua de Calderón «em pasta» (Ortigão, 1949a, p. 71) e um jorro de água que cai numa «cascata encarnada em lata, através do cartão» (Ortigão, 1949a, p. 71). Há «penhascos de ripas e lona» (Ortigão, 1949a, p. 71) e toda a «composição cenográfica, vista ao ar livre, é sofrivelmente pueril» (Ortigão, 1949a, p. 72). As figuras da família real são igualmente negativas: a rainha «tem o tipo fisionómico geralmente conhecido pela fórmula *cara de boa senhora* [sic]» (Ortigão, 1949a, p. 73); o rei (Afonso XII) «tem o aspeto de um jovem *clubman* [sic] mediocremente satisfeito e problematicamente feliz» (Ortigão, 1949a, p. 73) e possui também imensos bens materiais (de cavalos a tapeçarias, passando por palácios e terminando na sua catacumba). Contudo, parece a Ramalho Ortigão não exercer um fascínio tão considerável quanto os reis tinham há duzentos anos atrás, e o povo é indiferente à sua presença (Ortigão, 1949a, p. 75). A imagem negativa da família real não é apanágio de Espanha. Também os monarcas portugueses e ingleses apresentam elementos depreciativos nas palavras de vários jornalistas portugueses do fim do século XIX. Por exemplo, Fialho de Almeida (1857-1911) descreve, nas suas crónicas jornalísticas, o aspeto decadente das roupas e carruagens no cortejo fúnebre do rei D. Luís, em 1899, e o desprezo que a população sente pelo futuro soberano, D. Carlos (1863-1908), lançando apupos à família real portuguesa (Almeida, 1992a, p. 175). Eça de Queirós (1845-1900) também se refere à família real inglesa, transcrevendo mesmo um trecho do jornal britânico *Spectator* que critica a ausência de vários membros da família em Londres, nomeadamente da rainha, que partira para a Escócia (Queirós, n. d., p. 224). Ou criticando a Princesa de Gales que, durante a doença do seu filho, «vai para o teatro do Criterion ouvir as pilhérias de uma farsa picante» (Queirós, n. d., p. 265). Por seu lado, o Príncipe de Gales é acusado de socializar com prostitutas às duas horas da madrugada em Paris (Queirós, n. d., p. 339). Outro jornalista literário que alude à família real inglesa é Jaime Batalha Reis, mais suave nos apontamentos que traça dos membros da família

real inglesa. Transmite aos seus leitores a admiração que o povo inglês tem pela sua rainha, não deixando de notar que a mesma não aparece em público, não dá festas nem sorri (Reis, 1988, p. 80).

«Quer-se a viagem, a liberdade, a largueza da terra, a vastidão do mar e a amplidão do céu – o mundo!»

No dia 26 de maio de 1881, o cortejo de homenagem a Calderón de la Barca é alvo da descrição de Ramalho Ortigão. As críticas não tardam a surgir nos adjetivos que qualificam «o regimentozinho de *guardias civiles juvenes* [sic] [...] Nada mais gracioso do que o bravo aspeto infantil desta minúscula força armada» (Ortigão, 1949a, p. 79). A fanfarras é em «miniatura» (Ortigão, 1949a, p. 80). Um grupo de seiscentas alunas de escolas municipais, pela roupa que vestiam (vestidos brancos, mantilhas de renda e um ramo de flores), pareciam «pequenas fidalgas andaluzas em caminho de uma ovação tauromáquica» (Ortigão, 1949a, p. 81).

O cortejo em Madrid é, essencialmente, histórico, ao contrário do cortejo cívico que aconteceu em Lisboa por ocasião do centenário de Camões. Fez-se uma recriação histórica da época de Calderón, em que os carros estavam bonitos e com sumptuosidade e os militares, que envergavam uniformes do século XVII, usavam igualmente o cabelo e o bigode à época. De tal forma que, a Ramalho Ortigão, davam «a impressão estranha de um maravilhoso museu vivo, de um passeio em sonho dentro de um quadro redivivo de Velasquez» (Ortigão, 1949a, p. 103). O autor enumera e descreve pormenorizadamente os vários carros e carruagens que compõem o cortejo e as pessoas que nele participam, assim como as centenas «de estandartes de veludo de cetim [que] encham o ar de uma palpação luminosa, de grandes esmaltes» (Ortigão, 1949a, p. 105). A sinestesia, recurso expressivo presente nesta citação, é uma das características de jornalismo literário que encontramos neste texto de Ramalho Ortigão, em conjunto com o testemunho presencial do autor que culmina nas longas enumerações que atestam a veracidade dos factos.

Se, até ao momento do cortejo, a impressão que a celebração do centenário de Calderón deixou em Ramalho Ortigão não era positiva, tudo mudou

com a qualidade e sumptuosidade daquele, deslumbrando o viajante e levando-o para um mundo de fantasia: «o aspeto desta procissão era verdadeiramente fantástico – um mundo de mágica, uma enorme sinfonia viva desfilando num deslumbramento de cor» (Ortigão, 1949a, p. 108). Mais uma vez, o autor recorre à sinestesia para salientar a importância que as cores dos tecidos e dos carros tiveram no olhar de quem organizou celebrações da mesma índole em Portugal.

Na verdade, nos seus textos relativos a Espanha, Ramalho Ortigão encontra pouco para elogiar. Salienta positivamente o Museu do Prado e os quadros de Goya e Velasquez, afirmando mesmo que «entrar no Museu de Madrid é na arte um facto tão importante, como é na religião o entrar no Santo Sepulcro em Jerusalém» (Ortigão, 1949a, p. 51) e os dois artistas são «as duas mais poderosas forças artísticas que ainda produziu a Natureza» (Ortigão, 1949a, p. 53). A impressão que as pinturas destes dois artistas causam é de tal forma impactante que fala sobre os mesmos ao longo de cinco páginas, tecendo considerações sobre questões estéticas e ideológicas da obra dos autores.

A arte no centenário de Calderón também merece destaque pela positiva, nomeadamente a exposição retrospectiva da Arte ornamental, que é composta por objetos do recheio de casas nobres. Ao contrário das peças de famílias portuguesas, que se encontram penhoradas, leiloadas ou destruídas, as das casas espanholas estão em perfeitas condições. De entre os objetos expostos, encontram-se móveis, tapetes, manuscritos, leques ou armas, e ainda peças de figuras ilustres como o duque de Medina Sidonia, o marquês de Bendana ou o duque de Alba, «verdadeiras joias amorosamente trabalhadas» (Ortigão, 1949a, p. 87).

O Prado é comparado ao Bois de Boulogne, de Paris, e é o local da «mais completa exposição das carruagens, dos cavalos e das mulheres da capital» (Ortigão, 1949a, p. 109). A mulher espanhola não escapa ao olhar do viajante, ainda mais quando em Portugal era chique, nos meios burgueses lisboetas do século XIX, ter uma amante espanhola (Pais, 1985, p. 232). Das características físicas às roupas, do riso à voz, todas as mulheres espanholas são belas, na opinião de Ramalho:

A espanhola é guapa. Tem o busto forte, a curvatura fina, o tornozelo delicado, o pé curtinho e gordo. Belos dentes, solidamente plantados em gengivas húmidas cor de cereja, reluzem na sua boca carnuda recortada em arco de frecha. O rosto oval e de uma carnação transparente, rija, aveludada, maravilhosa. Os olhos, pretos ou castanhos, franjados de longas pestanas recurvas, [...] têm uma luz triunfante, quase impertinente, de consciência dominadora e vitoriosa. (Ortigão, 1949a, p. 110).

A beleza destas mulheres é descrita através de recursos expressivos variados: a enumeração – «o busto forte, a curvatura fina, o tornozelo delicado, o pé curtinho e gordo»; a metáfora – «belos dentes, solidamente plantados em gengivas húmidas cor de cereja»; a adjetivação – «carnação transparente, rija, aveludada, maravilhosa». A utilização de recursos expressivos é uma das características de textos de jornalismo literário, onde se insere o nosso objeto de estudo. Tendo sido desenvolvidos aquando da Revolução Industrial em Inglaterra para denunciar as más condições sociais, estes textos apresentam características próprias. São textos jornalísticos, logo transmitem factos reais. Porém, podem deixar transparecer a subjetividade do jornalista e apresentar marcas literárias, como recursos expressivos, diálogos ou a construção de cenas. São estes aspetos que encontramos na obra *Pela terra alheia e*, em particular, no capítulo dedicado a Espanha.

A mulher espanhola, que é bela, como vimos, apresenta igualmente características psicológicas que a elevam, como o saber estar em convívio com alegria e dignidade. Afirmo Ramalho Ortigão que «a senhora espanhola figura-se-me ser aquela que em mais alto grau possui, de instinto, a arte da convivência familiar, o encanto de uma espécie de camaradagem transcendente, que toma na vida afetiva da sociedade contemporânea um lugar culminante e raro» (Ortigão, 1949a, p. 165). É uma mulher religiosa, que vai «à novena ou ao terço, levando [...] o rosário da Virgem» (Ortigão, 1949a, p. 166), benze-se quando passa por uma igreja e dá esmolas aos pobres. A mulher espanhola é, assim, descrita de uma forma muito positiva pelo viajante português.

Algo que atrai Ramalho Ortigão são as touradas, «grande espetáculo peninsular, o mais pungente, o mais penetrante, o mais dominativo, o mais dramático, o mais sumptuoso, o mais belo a que ainda pode assistir o homem da nossa civilização triste, definhada e pobre» (Ortigão, 1949a, p. 140), é um espetáculo que não tem artifícios, é verdadeiro. Afirmo Ana Luísa Vilela:

o touro e o cavalo figuram simbolicamente pulso primitiva da liberdade e incarnam como que a instância mais genuína e mais nobre: a natureza instintiva e central do inconsciente, que (sigamos aqui Jung) poderá interligar e sintonizar o homem, o universo e a natureza. (Vilela, 2011, p. 14).

Para Ramalho, nesta união o homem é representado pelo belo e esbelto animal que é o cavalo (domado pelo homem) e a Natureza é representada pelo touro (Ortigão, 1949a, p. 142). Para alguém que amava as viagens e que «através do múltiplo e do disperso [...], procura reencontrar a imagem da unidade» (Vilela, 2011, p. 23), as figuras centrais deste

espetáculo (homem, cavalo e touro) atingem essa unidade. Através de duas descrições muito realistas, Ramalho revela aos seus leitores esta tradição ibérica que culmina com mortes: a dos cavalos pelos touros – «em nenhum outro animal a morte é uma coisa tão desoladora e tão triste» (Ortigão, 1949a, p. 144) – e a dos touros pelos toureiros. É a unificação final.

Porém, se as touradas são um espetáculo apreciado pelo autor, é nestes eventos que ele observa algo do caráter peninsular, não sem ironia. Testemunhando o que transmite ao leitor, dá exemplos de expressões impróprias utilizadas pelos espanhóis. É o caso de um cavaleiro que, «tirando reverentemente o seu chapéu» (Ortigão, 1949a, p. 151), disse às autoridades: «Senhores del ayuntamiento! Mierda para ustedes!» (Ortigão, 1949a, p. 151). Sempre recorrendo à ironia, Ramalho Ortigão afirma que nunca havia encontrado cavaleiro «mais conciso, mais cortês e mais oportuno» (Ortigão, 1949a, p. 151). Esta referência à eloquência dos portugueses e espanhóis já tinha sido mencionada em texto anterior (27 de maio de 1881). Para o autor, os dois povos são «a gente mais expansiva, a mais faladora e a mais eloquente do mundo» (Ortigão, 1949a, p. 95) e, como consequência, somos os mais atrasados da Europa, pois tudo é dissolvido através da Retórica.

Todavia, Espanha apresenta vários aspetos negativos. Na sua viagem de comboio para assistir ao centenário de Calderón, Ramalho Ortigão vai revelando as suas impressões sobre os vários locais por onde passa até chegar a Madrid. Começa por referir Badajoz, em cuja estação almoça, e as críticas começam a surgir: a comida sabe a bolor, a paisagem é triste e árida, pior do que em Portugal, a «voz de comando, ferrugenta e ameaçadora [que] brada apenas com um berro seco: *Viajeros, al tren [sic]!*» (Ortigão, 1949a, p. 36). A este propósito, o autor apresenta o exemplo também do francês, bastante delicado, e do português, mais rude, a fazer o convite aos viajantes para entrarem nos vagões. Diz Ramalho que, com este exemplo, se caracterizam os traços dos povos, algo que ele também quer revelar.

Ciudad Real, na Mancha, apresenta uma descrição escura, onde as rochas rebentam «do solo em chapadas escuras [e] onde aflora o enxofre» (Ortigão, 1949a, p. 36). Os carvalhos são poucos, pequenos e «enfzados» (Ortigão, 1949a, p. 36) e «as giestas, as urzes e os cardos cortam com a sua verdura triste a monotonia amarelada da vegetação requeimada pelo sol» (Ortigão, 1949a, pp. 36-37); o solo não está cultivado e não se veem casas ou pessoas em muitos quilómetros; não se encontram sequer moinhos de vento, eternizados por Cervantes. Porém, são visíveis igrejas no cimo de colinas ou nos vales.

Por seu lado, Castilla la Nueva parece uma miragem, uma vez que até lá chegar não se vê nada, nem povoações, nem casas, nem pessoas. No entan-

to, não se assemelha a uma cidade, no entender de Ramalho Ortigão, pois não há subúrbios ou bairros industriais, apenas o palácio do rei e, à sua volta, o que se assemelha a um acampamento com a corte e funcionários régios (Ortigão, 1949a, p. 39).

Numa descrição viva e vibrante, Ramalho mostra como o gaúcho doma o cavalo selvagem, numa luta entre o homem e a Natureza, e em que vence o primeiro

Madrid apresenta igualmente aspetos negativos: a má forma de cozinhar, com pimentão, azeite e alho; o vento agreste; o rio Manzanares que não tem muita água; a língua que, afirma, «nenhum português e nenhum italiano consegue falar sem o risco iminente de que lhe tragam um par de botas, de cada vez que ele pedir um simples copo de água com açúcar» (Ortigão, 1949a, p. 50); os «cinquenta mil forasteiros» (Ortigão, 1949a, p. 50) que enchem os hotéis; os ladrões; o dinheiro falso; a arquitetura de estilo francês que se encontra na parte nova da cidade, e que leva à perda da feição espanhola nos edifícios, «a bela e característica arquitetura hispano-árabe» (Ortigão, 1949a, p. 42). Estes elementos arquitetónicos podem ser encontrados, segundo o autor, em Toledo e nas ruas antigas de Gerona e de Ciudad Rodrigo. E nestes lugares, os sentidos de Ramalho são deliciados: as arcadas das lojas são fechadas com estores de lona de grandes listas vermelhas e azuis. Na sombra, perfumada pelos grandes cestos dos albaricoques e dos morangos, vendem-se, além das frutas, os cobrejões e os alforjes bordados a cores rutilantes, as navalhas de ponta, os selins árabes, as cabeçadas escarlates das mulas, os chapéus andaluzes e valencianos, as monteras, os gorros brancos, vermelhos e azuis da Catalunha, os pandeiros e as castanholas... *Viva Dios*, que cheira a Espanha aqui! (Ortigão, 1949a, pp. 42-43).

São os elementos que simbolizam a cultura espanhola que identificam o local. As sensações vibram também na praça da Puerta de Sol, onde criadas bem penteadas têm xailes com ramagens e cestos de compras com riscas azuis e vermelhas; nas varandas há panos vermelhos e amarelos, as cores da bandeira espanhola; «o sol nascente inunda a praça, penetrando de cintilações doiradas a água do grande esguicho» (Ortigão, 1949a, p. 41). Além das

sensações visuais, Ramalho deixa-se embrenhar nas sensações auditivas, através das mulheres que gritavam pregões.

Não é só o ambiente das ruas que o desperta. Ramalho valoriza também o povo, que mantém os seus costumes e as suas virtudes. Por exemplo, o autor afirma que não há bêbedos nas ruas de Madrid, também porque não há quase tabernas, apenas cafés e cantinas, «pequenas barracas pitorescas» (Ortigão, 1949a, p. 43) que vendem água fresca e *assucarillos* (Ortigão, 1949a, p. 43). Refere igualmente a elegância e espírito dos espanhóis, assim como a altiva dignidade dos mercadores. São estas pessoas que fazem de Madrid «uma das mais animadas e mais alegres capitais da Europa» (Ortigão, 1949a, p. 128).

Em suma, Espanha, o nosso país vizinho, apresenta aspetos de decadência semelhantes aos de Portugal. Apontando as mesmas causas que Antero de Quental tinha enumerado para o caso português, Ramalho Ortigão entra no país com uma visão negativa, que pela falta de pessoas e casas, quer pelas atitudes de algumas pessoas com quem se cruza. O próprio centenário de Calderón teve aspetos menos positivos. Apesar disso, Espanha tem coisas muito boas: os pintores Goya e Velasquez, as mulheres e as touradas fascinam-no. Mas igualmente as cores e os sons de Madrid o deixam deslumbrado, assim como o espírito dos espanhóis, que fazem desta uma capital alegre.

«Um dia na pampa»

Ramalho Ortigão não viajou apenas pela Europa. Também atravessou o Atlântico até ao rio de Janeiro e de lá foi até à Argentina, isto em 1887. Deixando no segundo volume de *Pela terra alheia* apenas algumas impressões desta viagem, que intitulou «Um dia na pampa», revelou uma capital, Buenos Aires, bonita, alegre, próspera, rica, americana (Ortigão, 1949b, p. 7). Numa longa enumeração de factos que fazem com que esta cidade seja, na sua opinião, superior a Lisboa, sobressai o tema da educação e do exercício físico: a capital tem um museu de antropologia e arqueologia, uma biblioteca nacional e várias bibliotecas populares, um jardim zoológico, várias salas de esgrima e ginástica, e há a referência à inauguração, em onze meses, de quarenta escolas primárias públicas e gratuitas, numa das quais Ramalho testemunhou a prática de ginástica. São vários os autores do último quartel do século XIX a mostrar preocupação com o estado da educação em Portugal e dos maus currículos, onde não há a prática de exercício físico (Almeida, 1992b, pp. 105-119; Ortigão, 1946, pp. 25-96; e Queirós, n. d., pp. 53-54).

Esta cidade rica mostra-se artística também exteriormente:

Risonhas casas de tradição espanhola, aclaustadas, com dois ou três pátios decorados de flores e de fontes; vastos palácios em colunas e frontões de mármore de estilo italiano; sumptuosos armazéns de luxo londrino e de luxo parisiense; muitas equipagens, muita *toilette*, muitos cavalos de raça; e, envolvendo o ativo movimento de uma população cosmopolita inglesa, francesa, italiana, alemã, russa, a ruidosa alegria andaluza. (Ortigão, 1949b, p. 9).

É uma cidade cosmopolita no estilo e nas gentes, com traços de Espanha. Mas a Argentina não é apenas a capital. As pampas foram visitadas por Ramalho Ortigão e este não deixa de transmitir as suas impressões, ao partir para o campo «sob um céu azul de primavera portuguesa» (Ortigão, 1949b, p. 10). No confronto com o Outro, reconhece o «Eu» no sol, mas valoriza a refeição que comeu na pampa, numa opinião oposta à que teve em Badajoz na estação de comboios: «um festim de gaúcho! Quase uma boda de cacique! O *locro de atchuras* [sic] e a *mazamorra* [sic] eram duas coisas formidáveis e tremendas» (Ortigão, 1949b, p. 12). Contudo, o que sobressai na quinta que visitou foi o gaúcho e, mais uma vez, os cavalos, que galopavam com as «crinas ao vento, bebendo os ares à ilimitada campina [...] [numa] avassaladora imagem da força e da liberdade» (Ortigão, 1949b, p. 14), a liberdade que se obtém durante a viagem.

Numa descrição viva e vibrante, Ramalho mostra como o gaúcho doma o cavalo selvagem, numa luta entre o homem e a Natureza, e em que vence o primeiro: «o cavalo gotejando de suor voltava submissamente à direita e à esquerda, [...] parava, recuava, avançava a passo, dócil e manso» (Ortigão, 1949b, p. 17). O gaúcho, na opinião de Ramalho Ortigão, «constitui uma raça especial, procedendo, pelos hábitos, do índio indígena, e, pelo sangue, do conquistador espanhol» (Ortigão, 1949b, p. 18). E se o cavalo selvagem representa a liberdade, o gaúcho também o faz, uma vez que o autor afirma que «é talvez o único homem verdadeiramente livre que presentemente existe sobre a superfície do globo» (Ortigão, 1949b, p. 18).

Assim, e também porque Ramalho esteve poucos dias no país, não tendo tido tempo para o apreciar em pleno, faz-nos um retrato muito positivo, quer da cidade, quer do campo. Mais uma vez, as pessoas, e especialmente o gaúcho, homem livre, despertam muito interesse no viajante-escritor.

Dois países do Atlântico e reflexões finais

É através de viagens em territórios hispânicos que percecionamos a forma como Ramalho Ortigão vê dois países em ambos os lados do Atlântico. Por um lado, temos Espanha, o país vizinho de Portugal e

que, à semelhança do país de origem do viajante, apresenta traços decadentes: a paisagem, a comida, a organização das festas, a arquitetura moderna. A proximidade geográfica dos dois países leva a que apresentem problemas semelhantes. Na realidade, são as pessoas que encantam o autor pelos seus traços de personalidade, assim como as sensações transmitidas por ações do quotidiano, como os mercados ou os bairros e ruas antigos.

Por outro lado, na Argentina, país distante, o autor observa a novidade na alteridade: a cidade cosmopolita de Buenos Aires com pessoas oriundas de vários locais, a paisagem plana da pampa, o gaúcho, retratado como um herói que domestica os cavalos e revela a sua virilidade e liberdade.

Tudo o que é descrito na Argentina é positivo, ao contrário da imagem de Espanha. Em ambos os países descobriu o «alter», na Argentina essencialmente através dos traços de semelhança com Espanha e nas duas viagens, Ramalho Ortigão regressa a Portugal pleno de experiências e conhecimento e revela aos seus leitores traços da hispanidade em ambos os lados do Atlântico. O viajante-escritor encontra Portugal em Espanha nos seus traços decadentes e descobre Espanha na Argentina através da alegria que se vive na sua capital. Através das viagens transatlânticas, este jornalista literário português revela aos seus leitores as emoções por ele vividas e dá-lhes a conhecer o mundo hispânico pelo seu olhar.

Fontes e bibliografia

- Almeida, F. (1992a): *Os gatos* (vol. 1). Lisboa: Clássica Editora.
- (1992b): *Os gatos* (vol. 2). Lisboa: Clássica Editora.
- Brunel, P. (1997): «Mythe et voyage dans *Pérégrination*», in Falcão, A. M.; Nascimento, M. T.; & Leal, M. L. (org.): *Literatura de viagens. Narrativa, história, mito* (pp. 555-564). Lisboa: Edições Cosmos.
- Machado, A. M. & Pageaux, D. -H. (1981): *Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70.
- Ortigão, R. (1946): *As farpas* (vol. 15). Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- (1949a): *Pela terra alheia* (vol. 1). Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- (1949b): *Pela terra alheia* (vol. 2). Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Pais, J. M. (1985): «De Espanha nem bom vento nem bom casamento: Sobre o enigma sociológico de um provérbio português», in *Análise Social*, XXI (86), pp. 229-243.
- Queirós, E. (n. d.): *Cartas de Inglaterra e crónicas de Londres*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Reis, C. (1990): *As conferências do Casino*. Lisboa: Alfa.
- Reis, J. B. (1988): *Revista Inglesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote / Biblioteca Nacional.
- Rosa, V. C. (2009): *Revista Inglesa: Percursos de Jaime Batalha Reis na Inglaterra Vitoriana*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Vilela, A. L. (2011): *Imagens do estrangeiro e autoimagem na obra de Ramalho Ortigão*. Évora: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Évora.